

O astro Anísio Teixeira na galáxia de Gutenberg

Dagoberto Buim Arena

Resumo

Este trabalho analisa a contribuição de Anísio Teixeira(1900-1971) para a formação do pensamento brasileiro, no final da década de 60, pelos meios de comunicação de massa, por influência de sua função como co-tradutor de Marshall McLuhan (1911-1980). Foram utilizados, prioritariamente, três de seus escritos - a *Apresentação* (1969) à edição brasileira de *A galáxia de Gutenberg* (1972); um pequeno texto na *Orelha* da mesma edição, datado de 1970, e um artigo inicialmente publicado no jornal *A Última Hora* (1970) e, posteriormente, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. O exame dos três escritos revela a crença de que a percepção humana varia de acordo com as mudanças nos modos de utilização dos sentidos. A comunicação eletrônica teria, para Teixeira, a condição de provocar uma nova configuração cultural para o homem tipográfico da chamada Galáxia de Gutenberg.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; Meios de Comunicação de Massa; Marshall McLuhan.

Abstract

This paper analysis the contribution of Anísio Teixeira (1900-1971) for the constitution to the brazilian thinking, at end of sixty decade by de mass media, under the influence of his role as co-translator of Marshall McLuhan (1911-1980). Three papers were analyzed. First the *Presentation* (1970) of *The Gutenberg Galaxy* (1972) for the brazilian readers; second, a little paper (1969) at de cap of this book and third, a paper published by *A Última Hora* (1970), a brazilian newspaper, and after published also by de *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, a important education review. The analysis of these three papers shows the Teixeira's opinion about de human perception and its change with de matter how the society uses the thinking. The electronically communication could be, for Teixeira, to change a new cultural configuration to the typographic people in *The Gutenberg Galaxy*.

Key-words: Anísio Teixeira; Mass Media; Marshall McLuhan.

Introdução

Em 1969, a editora Cultrix lançou no Brasil a edição de *Understanding Media the Extensions of Man*, de Marshall McLuhan (1911-1980), com o título em português *Os meios de comunicação como extensões do homem*, em tradução de Décio Pignatari, poeta vinculado ao movimento da Poesia Concreta, e professor universitário, até o ano anterior, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília – SP. Em 1972, a Companhia Editoria Nacional, em parceria com a Editora da USP, publicou do mesmo autor *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*, com tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira (1900-1971), com apresentação do próprio Teixeira. A primeira edição de *Understanding Media* nos EUA tinha sido em 1964 e a de *A Galáxia de Gutenberg*, em 1965.

Na segunda metade da década de 60, McLuhan provocava debates inflamados entre os intelectuais em todo mundo pelo tom que imprimia às suas análises e pelo modo como abordava os movimentos da cultura ocidental e suas manifestações na construção do homem do século XX. Suas análises, desconcertantes e proféticas, atraíram a atenção tanto de poetas de vanguarda e de estudiosos dos *mass media*, como Décio Pignatari, e de um educador de prestígio nas cenas da educação brasileira - de Anísio Teixeira.

O que me levou tirar a poeira que cobria esta outra preocupação do pensamento de Teixeira? Curiosamente, durante todo o ano de 2002, vi-me diante da foto de sua foto estampada em um calendário da ANPAE – Associação Nacional de Política e Administração da Educação – quando proferia palestra em 1961, na abertura do 1º. Simpósio daquela entidade, na Faculdade de Educação da USP. Coincidentemente, relia *A galáxia*, acomodado na estante, ao lado de *Os meios de Comunicação*, ali desde 1969, para satisfazer as indagações que fazia sobre a formação do leitor no mundo ocidental e a transição do homem mergulhado no universo fonético para o universo tipográfico e para o mundo da eletrônica. Ao ler a apresentação de Teixeira, algumas perguntas ficaram sem respostas, as quais deveriam ser investigadas para sua satisfação e para dar conhecimento às novas gerações de educadores do país.

Neste trabalho o que se revela como objeto de análise é a participação de Anísio Teixeira, nome destacado na educação brasileira, na formação do pensamento brasileiro no final da década de 60 na área dos meios de comunicação de massa. Por que Anísio Teixeira teria se dedicado à tradução, junto com Leônidas Gontijo de Carvalho, da obra de McLuhan nesse período da história brasileira? Quais foram os impactos que o

professor canadense provocou no pensamento do professor brasileiro? Para responder a essas duas questões previamente colocadas, serão utilizados trabalhos já publicados sobre Teixeira e três escritos de sua lavra - a apresentação à edição brasileira de *A galáxia de Gutenberg*; um pequeno texto na orelha da mesma edição, e um artigo inicialmente publicado no jornal *A Última Hora*.

Os períodos de crise política

Há dois períodos na política brasileira que obrigaram Anísio Teixeira a redirecionar suas atividades. Entre 1937 e 1945, durante o período do Estado Novo de Vargas, afastou-se do trabalho em instituições educacionais para, na Bahia, dedicar-se “à exploração e exportação de manganês, calcário e cimento, à comercialização de automóveis e à tradução de livros para a Companhia Editora Nacional” (NUNES, 2000). As mudanças devem ter sido dolorosas porque, de educador preocupado com as questões sociais do Brasil, passou a lidar com a indústria de minérios e comercialização de carros, enquanto, no núcleo do país, Vargas elaborava a legislação educacional que durante décadas marcaria a educação brasileira. Um consolo encontraria nas traduções. O segundo período de crise política, o do regime militar (1964-1985), não foi inteiramente vivido por ele, encontrado morto no fundo de um poço de elevador, em prédio do Botafogo, no Rio, em 1971 (PESQUISA FAPESP, 2000).

Em 1964, ano do golpe, Teixeira era reitor da Universidade de Brasília. Afastado e aposentado compulsoriamente, foi para os EUA onde, em 1965, na *University of Califórnia*, foi escolhido o conferencista do ano. Nesse período, contribuiu, no Chile, para a elaboração da reforma universitária (NUNES, 2000). Desta vez, Teixeira, já conhecido, não se enveredou pelos caminhos estranhos da exploração de minérios e venda de carros; aprofundou seus estudos e seus conhecimentos sobre a sociedade que se transformava no final da década de 60, além dos muros erguidos pelos militares brasileiros.

No seu retorno, reencontra-se com a Companhia Editora Nacional, nos anos de chumbo da política e da cultura nacionais, preparando a tradução de *A galáxia*, obra não dedicada especificamente à educação, mas à cultura abrangente, múltipla e revolucionária dos meios de comunicação. Teria Teixeira lido McLuhan durante o seu exílio e com ele se entusiasmado? Ou o trabalho como tradutor seria apenas mais um trabalho? O exame dos três escritos, adiante comentados, revela o vigor do

otimismo, da crença na criatividade humana, do papel da escola na formação cultural do homem brasileiro, porque para ele, a escola deveria

cumprir seu antigo dever de conduzir os homens à participação na cultura e na civilização, assim como cumprir um novo dever: o de preparar os homens para guiar sua renovação e a formação das novas gerações deveria contar com professores capazes de compreender a cultura e a civilização (PAGNI, 2000).

Os comentários e a seleção de afirmações de Teixeira nos três escritos, agora apresentados, tiveram como princípio encontrar o educador entusiasmado, apaixonado pelas idéias revolucionárias na área da cultura, protagonizadas por Marshall McLuhan. Deste modo, o tradutor, ao traduzir, apaixonou-se e, ao apaixonar-se, procurou justificar a paixão a seus discípulos.

A Orelha

Datados de 9 de abril de 1970, os escritos na *orelha* de *A galáxia de Gutenberg* são permeados de expressões próprias de quem encontra, finalmente, abordagens e interpretações muito procuradas. Após sintetizar em poucas linhas o que escreveu o professor canadense, Teixeira utiliza expressões extremamente elogiosas: “trata-se de livro sem paralelo na literatura atual, ou o livro é um exemplo e uma ilustração do próprio sentido na nova e imensa transição que estamos vivendo” Não são somente as expressões que indicam o entusiasmo, mas também porque ele entende ser a obra uma grande contribuição para o mundo ocidental, por ser uma ferramenta indispensável para compreender o que considerava ser a “transformação caleidoscópica no modo de pensar, de sentir e de agir” dentro da cultura e da civilização.

Os estudos de McLuhan envolvem a análise da cultura oral, da tipográfica, e da eletrônica contaminada pela recriação da oral. Para Teixeira, essa análise permite a reconfiguração da galáxia de Gutenberg, com os novos meios de comunicação da era eletrônica. Mas o que seria a galáxia de Gutenberg senão a cultura do homem tipográfico, experimentado na arte de, silenciosamente, com os olhos e com o cérebro, compreender o mundo pela escrita, pela tecnologia do alfabeto?

Mas a galáxia se transforma e “ao invés de transformar-se em uma vasta biblioteca Alexandrina, o mundo converteu-se num computador, num cérebro eletrônico, exatamente como numa peça infantil de ficção científica” (McLUHAN, 1972) A visão profética da década de 60 não contava ainda com a expansão dos computadores pessoais e da rede

mundial que fazem do planeta uma aldeia global. Os meios de comunicação de massa, entre os quais não havia ainda o computador de uso pessoal em rede, seriam os agentes reconfiguradores da galáxia do mundo impresso e tipográfico criado pela tecnologia de Gutenberg. E era isso que seduzia Anísio Teixeira, essa reconfiguração da sociedade pelos meios de comunicação.

A Apresentação

Em duas páginas e meia de *Apresentação*, Anísio Teixeira anuncia os conteúdos nucleares de *A galáxia*, comenta a abordagem que McLuhan faz dos eventos da cultura e da civilização e manifesta sua adesão incondicional ao pensamento do canadense.

Datado de 7 de dezembro de 1969, cinco meses antes dos escritos da *Orelha*, Teixeira entende que o livro oferece “uma explicação da transformação do homem da cultura oral e manuscrita no homem da cultura tipográfica e moderna, com um poder de penetração e imaginação não atingido por qualquer outro escrito” (TEIXEIRA, 1969, apud McLUHAN, 1972, p. 11). O tradutor gostou do que leu e emprestou todo o seu prestígio como educador à divulgação da obra traduzida e revisitada, por mim, em 2003, no momento em que as preocupações com a cultura visual e eletrônica na tela do computador atingem o modo de pensar e o modo de aprender, especialmente o modo de ler, transformados pela galáxia de Gutenberg, mas redimensionados pela galáxia da eletrônica.

McLuhan, afirmava Teixeira, não ganharia destaque por criar ideologias ou teorias, mas por “ver e descrever o que se passou com a evolução do homem em seu esforço por desenvolver-se e criar o seu mundo, inventando as tecnologias que lhe estenderam os sentidos e o poder de formar suas culturas” (TEIXEIRA, 1969 in McLUHAN, 1972, p. 12). A admiração pela maneira como o canadense compreende e explica o impacto das tecnologias na formação cultural do homem moderno é o aspecto que seduz o também envolvente educador brasileiro. O pensamento considerado por ele desconcertante chega a causar,

por vezes, uma certa vertigem, sobretudo nos que se fizeram integral e plenamente homens gutenberguianos da cultura da palavra impressa, a cultura que nos fez “indivíduos”, que criou o “público”, o “Estado”, as “nações”, o “pensamento científico”, desinteressado e objetivo, a “secularização” global da vida humana. (TEIXEIRA, 1969, in McLUHAN, 1972, p.12)

À visão profética de McLuhan, Teixeira agregava a sua, por entender que se anunciavam novos tempos para a civilização ocidental com o início da era eletrônica, em 1969, e de uma “nova era tribal da aldeia mundial”, o que fazia do pensador canadense “um dos mais autorizados videntes da nova era”, nas suas palavras. Ou, como afirmava o próprio McLuhan: “a família humana existe agora sob as condições de uma “aldeia global”. Vivemos num único espaço compacto e restrito em que ressoam os tambores da tribo” (McLUHAN, 1972, p. 58). E por essa época, as ligações via satélite eram precárias, embora o ano 1969 já tivesse presenciado a descida, ao vivo, do homem ao solo da Lua.

O artigo em *Última Hora*

Publicado na edição semanal do jornal *Última Hora*, de 4 a 11 de agosto de 1970, no Rio de Janeiro, um ano e cinco meses após o escrito da *Orelha* da edição brasileira de *A galáxia* e nove meses após a *Apresentação*, Anísio Teixeira, com a voz ainda sufocada pelo clima sombrio da política brasileira, voltava a discutir McLuhan, em artigo que seria publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, de no. 119, no mês seguinte.

Estes escritos, como bem explica inicialmente, foram provocados pelo jornalista Artur da Távola, com o intuito de envolvê-lo nos debates sobre o polêmico estudioso dos meios de comunicação de massa. E deles participa utilizando-se de expressões veementes em sua defesa e no ataque a certas áreas do pensamento brasileiro. A respeito de McLuhan, acreditava ser

uma das mentes mais originais e mais férteis do nosso tempo, escrevendo, porém, num estilo dos mais desconcertantes. É lido vastamente em todo o mundo, mas enfurece boa parte do pensamento convencional (TEIXEIRA, 1970)

e a respeito dos adversários, argumentava que

para alguns, sua obra consiste de “livrinhos interessantes”, como já se disse mesmo na imprensa brasileira. Esse diminutivo e esse “interessantes” são, entre nós, o extremo do desprezo de nossa gaiata arrogância sul-americana (TEIXEIRA, 1970)

Algumas das questões de McLuhan que mais impressionavam Teixeira eram, entre outras, as de que a nossa percepção varia de acordo com as mudanças nos modos de utilização de nossos sentidos. Deste modo, sair do mundo oral, predominantemente auditivo para reconfigurá-lo em um mundo impresso ou eletrônico, é operar outros sentidos, e por essa razão

percebemos o mundo de outro modo, com outra configuração. A comunicação eletrônica, pouco desenvolvida nos anos sessenta, teria a condição de provocar uma nova configuração cultural, depois da mecânica do século XIX, envolvida pelo homem tipográfico dos séculos anteriores. E profético, afirmava Teixeira (1970), “essa nova comunicação iria criar um estado de comunicação pluralística, simultânea e planetária” E admitia, com todas as letras, a grandeza do impacto que estava sentindo naqueles tempos, porque, admitia, “a leitura de McLuhan vem sendo para mim um nascer de aurora, no entardecer opaco da minha exclusiva lucidez visual e racional de homem tipográfico” (TEIXEIRA, 1970).

Teixeira contava 70 anos e trazia na bagagem grandes vitórias, importantes cargos em instituições públicas, mas, embora se achasse no entardecer de sua racionalidade, trazia neste artigo o vírus da experimentação, da criação, na descrença do óbvio e do convencional, porque para McLuhan e para ele, seria necessário entender de modo não-convencional a nossa cultura, em oposição ao óbvio, ou ainda, com a visão do futuro antecipado; entender que até “o próprio nacionalismo faz-se confuso, parecendo antes simples localismo frente ao internacionalismo nascente” (TEIXEIRA, 1970). Teixeira parecia antever o mundo simultâneo, plural, flexível, rápido, internetalizado e satelitizado das comunicações globais. Antes destas questões, segundo ele, o homem percebia as mudanças, tentava ajustar-se a elas, mas não entendia que elas estavam relacionadas com as novas tecnologias de comunicação. E, para ele, esta seria a grande novidade trazida por McLuhan: o meio é a mensagem, porque é o meio que transforma a cultura e a civilização, alterando “o nosso modo de perceber e sentir a vida”.

Conclusão

No ano seguinte a estes escritos, em 1971, a estrela de Anísio Teixeira se apagava no fundo escuro de um poço de elevador. Entretanto, aos setenta anos, esse homem escrevia entusiasmado sobre um livro e sobre um estudioso que ele próprio ajudara a traduzir. Engajava-se, mais uma vez, na vanguarda do pensamento de final da década de 60, na vanguarda intelectual possível que iria antecipar o mundo plural e intensamente globalizado do início do século XXI. Retemperou-se nos EUA e no Chile durante os duros tempos da mordaca política; encontrou-se com as idéias arrojadas de McLuhan; ajudou-as na sua introdução no Brasil; defendeu-as e as lançou como proféticas. Ganhou, com isso, o direito de se tornar astro na galáxia reconfigurada do século XXI.

Referências

- McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. De Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969
- _____. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Trad. De Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1972.
- NUNES, C. Um mestre pela escola pública. *Veredas* Rio de Janeiro, v.5, n. 56, p.28-29, ago 2000. (Prossiga/CNPq. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira)
- PAGNI, P. Educação: ciência ou arte? *Educação*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 101, abr/jun.2000, p.18-22 (Prossiga/CNPq. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira)
- FAPESP. Educador com visão ampla. *Pesquisa Fapesp*. Seção:memórias. São Paulo, jun. 2000. 6p. (Prossiga/CNPq. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira)
- TEIXEIRA, A. O pensamento precursor de McLuhan. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 54, n. 119, jul./set. 1970, p. 242-248. (Prossiga/CNPq. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira)

Dagoberto Buim Arena é Mestre e Doutor em Educação pela UNESP, campus de Marília-SP. Professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP em Marília-SP. Membro do Grupo de Pesquisa *A formação do leitor: processo e estratégias*

Endereço:

Rua Minas Gerais, 1220 – 17.400-000 – Garça – SP

Telefones: 14 461 1847 ou 14 460 4589

e-mail: arena@dataplace.com.br ou arena@marilia.unesp.br

Data de recebimento: 20 de janeiro de 2003

Data de aprovação: 20 de maio de 2003